

Violência e gênero em As mil e uma noites¹

Violence and gender in The thousand and one nights

Odiombar Rodrigues

Resumo

Mil e uma noites é um texto que muito bem presentifica e permite ao leitor um conhecimento sobre hábitos e costumes presentes na cultura árabe. Uma leitura do texto sob a ótica da história e da violência permite identificar algumas passagens em que o texto pode ser apontado como uma representação de flagrantes das vivências a que estão submetidas as mulheres e os escravos. Percorrer o conceito de violência esclarece muitos elementos presentes no texto e de difícil compreensão para o leitor contemporâneo.

Palavras-chave: literatura árabe, violência, representação.

Abstract

The Thousand and One Nights is a text that personifies the Arabic culture and allows the reader some knowledge about the habits and customs of these people's daily life. A reading of the text under the perspective of history and violence agrees to identify some excerpts in the text that can be categorized as the representation of experiences to which women and slaves are submitted. Pursuing the concept of violence enlightens many elements which are present in the text and which offer difficulties for the modern reader.

Key words: Arabic literature – violence – representation.

UMA HISTÓRIA ANTES DE DORMIR

A estratégia de contar e ouvir histórias salva Sherazade² e forma gerações de crianças ao longo dos séculos. O fascínio de ouvir uma história bem contada e interrompida no momento de maior suspense traz de volta o leitor na próxima noite. Isto se revela, não só uma terapia, mas também uma força de coesão social. O ofício de

contar histórias surge de uma contingência repleta de violência que o texto expõe, revelando relações de gênero entre as personagens.

O presente estudo estabelece as relações entre o texto literário *As mil e uma noites* e a representação da violência sob a ótica dos estudos de gênero. O exame se inicia pela validação da Literatura como argumentação no plano da História, passando logo após para o estudo da violência como fenômeno social e, concluindo, desenvolve-se um estudo sobre o texto *As mil e*

¹ Palestra proferida na Semana Acadêmica do Curso de História da ULBRA, em 08/10/2004. Trabalho apresentado como comunicação no VI Congresso Internacional de Língua e Literatura do Mercosul. ULBRA/Canoas-2004.

² A grafia dos nomes próprios variam muito conforme a tradução. Para o presente trabalho foram mantidas as grafias de acordo com Ladeira, 1996.

Odiombar Rodrigues é Professor de Teoria Literária do Curso de Letras da ULBRA. Doutor em Letras UFRGS, 1998.

Endereço para correspondência: odiombar@yahoo.com.br

Textura	Canoas	n. 12	julho/dezembro 2005	p.37-43
---------	--------	-------	---------------------	---------

uma noites, examinando o seu caráter de representação e das relações de gênero presentes.

História e Literatura formam uma parceria desde a Antiguidade, a primeira fornece elementos temáticos enquanto que a Literatura torna-se fonte principal de conhecimento sobre os momentos menos documentados. Os exemplos são abundantes e como mera exemplificação podemos apontar a *Iliada* e a *Odisséia* como textos fundamentais para o conhecimento da formação da cultura helênica.

A dificuldade no relacionamento entre estes dois campos advém da perspectiva ficcional que perpassa o fenômeno literário e desqualifica-o diante da postura de objetividade que pretendem os estudiosos da História. Tal situação de conflito é contornada quando se percebe que nos dois campos o estatuto da representação é um dos fatores determinantes.

A representação que ocorre na literatura está além do nível do enunciado, lançando razões bem profundas na enunciação. Partindo deste princípio, percebe-se que o caráter de historicidade no texto literário está em camadas mais profundas da linguagem. A discussão sobre a representação vem desde os clássicos Platão e Aristóteles para chegar à contemporaneidade sob um olhar menos formal e mais comprometido com as questões vigentes em uma dada comunidade. Quando o texto literário representa um fato social, o que ele está trazendo ao leitor não são, precisamente, os atores e as situações vivenciadas. Na maioria das vezes o que o texto representa é o fato ou a circunstância através de outros atores e, não raro, em outros espaços e tempos.

A versossimilhança do fato literário é que assegura a ele a possibilidade de representação. Os horrores vivenciados por algumas personagens em *As mil e uma noites* podem estar situados na Índia ou na China, podem ser vivenciados por qualquer personagem, o que importa é o fato da presença da violência, sua manifestação e recepção por parte da sociedade, em consonância com a cultura aí representada.

O estatuto da representação pressupõe uma relação entre o que é representado e a representação que se faz dele. O que representa é um elemento ausente no plano real, bem como o representado, embora seja efetivo no plano real, torna-se um simulacro no texto literário.

Este é um jogo de presença e ausência que cabe ao leitor preencher com o conhecimento que armazenou ao longo da sua formação e vivência. A Sherazade é uma ficção, mas a mulher que enfrenta o poder em defesa de seu povo é uma verdade mais do que recorrente no plano histórico e ficcional, como podemos exemplificar com Joana D'Arc. A representação é um modo de reconhecer no ficcional a verdade que nem sempre temos condição de enunciar. Como diz Pesavento (1998, p. 19):

Representar, portanto, tem o caráter de enunciar, "pôr-se no lugar de, estabelecendo uma semelhança que permita a identificação e reconhecimento do representante com o representado.

Por outro lado, as representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, e sim pela capacidade de mobilização que proporcionam ou pela credibilidade que oferecem.

A representação que a Literatura faz é uma adequação entre o que é presença no mundo real e o que é possível de ser dito no plano ficcional. A literatura tem a capacidade de revelar os mecanismos de controle que inibem a manifestação em uma dada cultura, quer pela evasão quer pela capacidade de simbolização. O texto literário tem que ser compreendido pelo que simboliza e não pelo que presentifica na linguagem.

Em *As mil e uma noites* a perseverança, que é um traço marcante da cultura árabe, está representada pela repetição dos fatos e pela insistência desmedida com que as personagens perseguem os seus objetivos. Sherazade vence a violência de Shariar pela constância de suas histórias intermináveis.

Poderíamos dizer que a História e a Literatura seguem por trilhas distintas, mas ambas encontram o mesmo fato que é a representação da sociedade e a crítica à prática de ações não civilizadas. Tanto uma como outra, por onde passam deixam um rastro de reflexão e ensinamentos sobre a evolução da humanidade. Trazer aos olhos do leitor o fato histórico ou a representação dele é uma tarefa que o leva a repensar a sua postura e as suas relações sociais.

O historiador tem sobre seus ombros a tarefa de reconstruir o passado, trazendo luz sobre fatos obscuros. Seu objeto de pesquisa



sofre o crivo da comprovação, mas mesmo as evidências sobre as quais assenta suas assertivas podem estar minadas por posicionamentos ideológicos e limitações pessoais. A História se complica em seu “status” de ciência quando busca encontrar os fatos, pois na maioria o que lhe resta são versões.

O escritor não é um sujeito que está a serviço de um registro de inverdades. O que ele persegue é uma verossimilhança que lhe garanta a aceitação do leitor e ao mesmo tempo represente o plano real. A ficção presente no texto literário é, indiscutivelmente, uma leitura possível, mas sob ela há uma camada de verossimilhança que representa também uma versão dos fatos do mundo real. O escritor não tem compromisso com o fato, mas o seu texto é, com certeza, uma das versões dele. Como alerta Pesavento (idem. p, 22): “[...] a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, o que nela se resgata é a representação do mundo que comporta a forma narrativa”.

História e Literatura fazem com que o passado se presentifique diante de nossos olhos como um objeto vivo e pulsante, capaz de exigir de nós um posicionamento e uma atitude de reflexão e crítica. Pelo intelecto do historiador e pela emoção do escritor os fatos históricos passam como por filtros que purificam a verdade, cada um a seu modo, permitem que a humanidade possa se reconhecer no seu passado e conscientizar-se do presente.

A paz como uma utopia, perseguida ao longo da história da humanidade sempre encontrou na violência o obstáculo para a sua realização. O homem parece caminhar sempre à beira de um abismo sem fim, cada passo é um perigo a vencer, cada queda é uma tragédia a cumprir. A violência tem sido a companheira mais persistente nesta caminhada, truncando os ideais e impedindo o homem de alcançar um estado de felicidade, compreensão e paz.

As mil e uma noites é um texto repleto de violência e barbárie, mas o seu percurso na trajetória da humanidade parece comprovar que a violência representada serve muito mais como um espelho para a luta pela compreensão do que de justificativa para a barbárie. O texto se mantém fiel ao mundo ficcional, o que o qualifica como uma forma de representação da violência que pode contribuir para uma catarse,

basta que se examine, tanto o final da história como de muitos episódios.

Cumpre, portanto um exame deste fenômeno tão constante e tão ameaçador para a espécie humana que é a violência. Subjugados por ela através das formas mais sutis ou de sua expressão mais catastrófica, temos dificuldade em identificá-la em suas raízes mais profundas. O exame de sua presença requer uma reflexão que deixe de lado fatores ideológicos, políticos ou religiosos pré-concebidos para que, de forma descompromissada, possamos entender o quanto ela está presente em todo os passos que damos.

Do “zoon politikon” aristotélico ao “homo sapiens sapiens” há um longo caminho que percorre diversas facetas do homem, todas elas reveladoras de suas conquistas e derrotas, mas de constante presença da violência. Sendo assim, parece justificado o posicionamento de Dadoun (1998), ao ver na história da humanidade a presença constante do “homo violens”.

Um primeiro questionamento que se nos apresenta é tentar compreender a origem da própria violência, classificando-a como uma formação espontânea ou como uma reação à outra violência. Ao admitirmos a violência como uma expressão inata no homem, estamos reforçando a tese do “homo violens”, o que nos deixa numa situação de continuidade e impotência, imaginá-la como reação há a necessidade de buscar um fato gerador que tenha desencadeado toda a estupidez humana.

Ao tomarmos a nossa cultura ocidental como base para reflexão, somos levados a buscar na Bíblia a origem da violência. Um exame superficial nos mostra que o Gênesis contém matrizes de uma violência muito profunda. A expulsão de Adão e Eva do paraíso é um ato decorrente de um desejo de ambos em adquirirem o “conhecimento”. A causa deste pecado original é a sedução feminina e sobre ela recai toda a ira divina, marcando em seu corpo o ato da procriação como a maior expressão da dor. Além do pecado de ambos a mulher recebe, em sua origem, a culpa por todo o mal que sucede ao homem e a toda a humanidade. Este ensinamento bíblico é uma marca que fica no inconsciente da humanidade e que sempre agrega à imagem feminina o perigo da perdição.

O mundo islâmico, que tem no cristianis-



mo sua origem, não esquece este episódio e parece levar muito a sério este “perigo” feminino. Enquanto o mundo cristão ocidental, parece ter superado esta mácula, apesar dos ensinamentos de Paulo e Agostinho, o mundo muçulmano mantém uma prevenção contra os perigos da presença feminina e instala um patriarcado repressor e violento. *As mil e um noites* é uma representação desta violência original. Shariar dispõe do poder absoluto sobre seu povo e pode determinar a morte a cada mulher que despose, pois a ameaça de ser traído é uma constante.

Outra forma bíblica de violência está no episódio de Caim matar seu irmão Abel. A origem do fratricídio está na ação divina ao aceitar a oferenda de Abel e recusar a de Caim. Este ato gerou o ciúme que é a vertente mais copiosa da violência. Ao ser expulso da comunidade, Caim se torna o fundador de uma nova humanidade, agora marcada pela violência do fratricídio. No caso de Adão e Eva é uma violência que se instala no interior, marcada na carne de cada um, agora é expressa pela eliminação do irmão, é o desconhecê-lo como imagem e semelhança do criador de ambos.

Num terceiro momento vemos o registro bíblico trazer o ensinamento da eliminação de todo o grupo social. Sob a acusação de pecado, Deus destrói duas cidades: Sodoma e Gomorra. A violência aqui rompe os limites do indivíduo e atinge a comunidade como um todo. A ira divina contra estas duas cidades tem sido, ao longo da história, uma boa justificativa para destruição de comunidades inteiras sob o argumento do “pecado” aqui não mais no sentido religioso, mas sob as mais diversas formas que possam se manifestar.

Os exemplos bíblicos, apesar de outras hermenêuticas aplicadas, são muito eloqüentes como modelos de violência para a história da humanidade ocidental. Parece que muitos esqueceram as “boas novas” que sucederam o antigo testamento e não avançaram em direção de um “homo amorosus” tão presente na pregação de Cristo. De qualquer forma surge assim o modelo humano com a marca da culpa subjetiva, com o instinto de destruição do irmão e com o poder de destruir comunidades inteiras.

No chamado mundo civilizado contemporâneo estes resquícios da barbárie estão presentes através de diversas formas de violência.

Examinemos algumas de suas manifestações e as formas de sua representação na literatura através do texto *As mil e uma noites*. Muitos outros textos literários poderiam servir de parâmetros para este estudo, mas o nosso propósito é centrar o trabalho no exame deste texto clássico da literatura árabe.

Não é objeto deste estudo o exame de formas particulares de violência que tanto nos afligem no cotidiano, como os crimes comuns que enchem as páginas de nossos jornais, tornando cada dia mais banal o desrespeito à vida e ao patrimônio de nossos concidadãos. Centramos o esforço de nossa atenção sobre a violência que se institucionaliza e que passa à sociedade como atos de “vingança” de “guerra” ou mesmo de “liberdade” econômica. Sob os mais diversos disfarces são cometidos atos de violência contra grupos sociais em nome das mais diversas instituições.

As mil e uma noites nos traz vários exemplos de violência contra grupos de pessoas pelas razões mais diversas. Quando o rei Shariar percebeu que havia sido enganado pela esposa, mandou matar todo o grupo, a esposa, o negro com quem ela mantinha relações e toda a corte, composta por vinte pessoas. Em outra passagem o rei manda matar todo o grupo de dez ladrões que aterrorizam as estradas que conduzem à Bagdá. Assim o poder do rei é exercido e justificado tanto como reparação de um dano pessoal como castigo por um dano causado a toda a coletividade. O poder da autoridade está acima de qualquer julgamento, podendo exercê-la em proveito próprio ou coletivo. Este poder “oficializado” surge em todas as etapas da humanidade e é muito presente na nossa contemporaneidade.

Um exame rápido sobre a Segunda Guerra Mundial nos permite observar o horror desencadeado por um chefe de estado. Sob os argumentos mais diversos, matou seis milhões de judeus que a imprensa propaga e não nos deixa esquecer, mas este é apenas uma ponta do “iceberg”, pois milhares de outros grupos sociais foram também sacrificados, negros, ciganos, deficientes e muitos outros. Condenável da mesma forma foi a violência do lançamento das duas bombas sobre o Japão, matando mais de trezentos e cinquenta mil pessoas e deixando milhares de mutilados. As bombas sobre Hi-



roshima (6 de agosto) e Nagasaki (9 de agosto) são na verdade, sob novas acusações, a reedição da destruição de Sodoma e Gomorra.

Abominável também foi a ação inglesa na Austrália ao exterminar o povo da Tasmânia no ano de 1876. Esta ação de genocídio passa despercebida pela sociedade ocidental tendo em vista que nos é contada pelos vencedores. Da mesma forma, “esquecemos” os massacres de armênios pelos turcos, bem como dos milhares de cidadãos russos que desapareceram ao longo do período estalinista. Episódio este, tão bem representado em *Arquipélago Gullag* de Solzhenitsyn.

Deixando à margem esta visão oficial da violência é importante, nos tempos atuais, rever uma forma de violência mais comum que é o terrorismo. Tendo origem nos mesmos argumentos da violência oficializada, o terrorismo se caracteriza pela ausência de caráter institucional reconhecida pela comunidade. O desejo de eliminar os adversários é o mesmo, bem como o desejo de manutenção ou de tomada de poder.

O terrorismo tem sua organização a partir do sentimento de vingança de um grupo social sobre outro, o que nos autoriza dizer que ele se constitui numa reação a uma ofensa sofrida no presente ou num passado histórico. A tática principal não consiste em causar dano econômico diretamente, mas promover um estado de “terror” na população e pelo medo forçar os órgãos oficiais a negociar ou satisfazer os desejos do grupo.

O onze de setembro, nos Estados Unidos, não teve como prejuízo maior a queda das torres gêmeas, nem a destruição das aeronaves, mas o que restou do episódio foi uma sociedade inteira vivendo sob o império do medo. Todas as medidas tomadas pelo governo norte-americano foram na direção de promover a segurança interna e dar aos cidadãos a sensação de paz e controle. O descalabro se voltou para o exterior com a busca a Bin Laden. O terrorismo não tem um nome ou uma face, ele é um grupo e como tal tem que ser encarado. A caça, sem sucesso a Bin Laden, ou a prisão de Saddam não alteraram o rumo dos movimentos terroristas no mundo. Se um homem pudesse ser neutralizado e cessar o perigo, Israel já estaria livre de toda a ameaça no momento em que cercou o

falecido líder Arafat.

A força do terrorismo está na capacidade de mobilização de comunidades que tenham objetivos comuns. Perceber o terrorismo como uma ação isolada de um grupo ou mesmo de um indivíduo é o maior erro que se pode cometer em seu combate. Por outro lado, a força também não tem mostrado resultados convincentes, examine-se o exemplo da Rússia com os chechenos.

Cumpra agora proceder a um exame mais detalhado da presença da violência no texto *As mil e uma noites*. Em primeiro lugar é importante observar que nem todas as formas contemporâneas de violência podem estar no texto. O terrorismo como conhecemos hoje, não tem registro no texto, pois a forma de condução do poder não deixa espaço para manifestação de grupos dentro da comunidade. A violência contra as mulheres e contra as classes, economicamente, menos favorecidas é a presença mais constante.

É também importante estudar alguns aspectos estruturais do texto que podem nos revelar muitos sentidos importantes. Tal é a diversidade de traduções do texto que se torna quase impossível propor um estudo sem determinar um critério quanto à seleção do texto. Para os nossos estudos seguiremos a tradução de Nair Lacerda.

O caráter de oralidade do texto é responsável por diversos elementos característicos. O distanciamento entre língua oral e escrita é muito grande na Língua Árabe, por isso, *As mil e uma noites*, ao se enquadrar na linguagem oral, perdem, perante o mundo árabe, o seu caráter de eloqüência, poeticidade e sensibilidade. Independente da questão formal de linguagem, o texto é fundamentalmente um poema, pois está repleto de passagens poéticas. O ato de Shera-zade contar a história, buscando enredos nos relatos orais, revela o caráter de oralidade presente na cultura árabe e ao mesmo tempo reforça o caráter de subjetividade presente na história.

As primeiras manifestações de *As mil e uma noites* ocorrem entre os Persas, porém não há dúvidas de que eles foram encontrar no Oriente, principalmente na Índia, a fonte original das narrativas. Entre os persas circulou uma obra chamada de *Hazar Afsanah* (mil contos) que



foi perdida, mas é apontada como uma das possíveis origens do texto que conhecemos hoje. Entre os árabes o texto sofreu um processo de islamização que consiste principalmente na introdução do conhecimento do Alcorão no texto e no estabelecimento do patriarcado. Levando um pouco mais além este processo de adaptação, pode-se dizer que o texto sofre influência semítica, incluindo, assim, assírios, babilônicos e judeus.

Com este caldeamento *As mil e uma noites* tornaram-se um texto de profunda representatividade para o Oriente Médio, revelando os costumes, a cultura, e a religião. Para o mundo árabe ele é um texto fundante da cultura e referência histórica.

Assim como *As mil e uma noites*, outros textos têm permanecido como marcos da humanidade. Nestes casos podemos incluir: A *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero; As fábulas de Esopo, e de La Fontaine; os contos dos Irmãos Grimm e tantos outros. Qualquer um deles preenche um espaço na formação de gerações, evidenciando as relações sociais e os valores presentes na comunidade em que são construídos. Estes textos têm em comum o fato de serem registros de relatos que já circularam, de forma oral, em suas comunidades.

As mil e uma noites têm algumas particularidades importantes. A circulação do texto em forma oral perde-se no tempo, e os primeiros registros escritos são do século IX d.C., porém o texto revela temas muito anteriores, ligados a culturas bem mais antigas, como indiana e persa. Somente no século XII a obra teve um registro completo em 12 volumes, numa edição traduzida por Antoine Galland, no século XVIII, constituindo-se esta na base para todas as outras que circulam no Ocidente. Tal tradução peca por omitir, ou não dar atenção às passagens mais poéticas do texto.

As mil e uma noites chegam à Europa através de Veneza e seu intenso comércio, mas para os Ibéricos, o texto já circulava desde o domínio árabe. Assim, portugueses e espanhóis travaram contato com o texto de forma bem mais profunda, pois foi dentro da própria cultura árabe.

A abertura evidencia esta ligação com o oriente ao estabelecer a Índia como local do reino de Shariar:

Conta-se – mas Alá é mais atilado, mais sábio, mais poderoso e mais benfazejo – que havia – no que se exoou, e se apresenta na antigüidade do tempo e no passado da idade e do momento – um rei, entre os reis de Sassan, nas Ilhas da Índia e da China. (*As mil e uma noites*, p. 1)³

A forma como conhecemos hoje é de fundamental importância para a apreciação da cultura árabe. Por esta razão, é fácil concordar com intelectuais árabes que, ignorando as teses de origens estrangeiras, atribuem ao texto o status de verdadeiro monumento da cultura muçulmana. Os papéis de submissão e violência a que a mulher é submetida no texto fazem jus com a tradição islâmica e legítima muito bem o caráter repressivo desta cultura.

A literatura não se constitui uma representação direta da realidade, mas, ao contrário. Em muitos momentos, ela é um ponto de fuga para um mundo de sonhos que oferecem ao leitor um processo de sublimação dos desejos reprimidos e violentados. Melhor do que tudo para estudar estas dicotomias é verificar a relação de gênero, principalmente em suas relações de sexo.

As mil e uma noites têm papel de destaque na formação cultural da humanidade, pois é um texto que atravessa séculos formando gerações de jovens e reforçando posturas em adultos. Centrada na oralidade, a obra consegue permanecer como uma fonte de referência constante para todos.

A estratificação da sociedade árabe é um tema recorrente e fonte de diversas situações de conflito. Por manter uma hierarquia rígida é que o tema dos disfarces é tão comum nos enredos, evidenciando conflitos de identidade. Em quase todos os episódios encontramos personagens que se disfarçam ou mesmo que assumem formas diferentes da sua a fim de passarem despercebidas ou de enganarem a outros.

As teorias contemporâneas nos permitem classificar *As mil e uma noites* como um hipertexto, pois podemos perceber, com clareza, uma estrutura de encaixes que possibilita o contínuo desfiar de histórias. Dois planos são visíveis, o primeiro é o da história do rei Sheriar

³ As citações deste trabalho referem-se à edição da Saraiva, com tradução de Nair Lacerda e Domingos Carvalho da Silva.



que por ter sido traído pela esposa, decide sacrificar cada donzela com a qual tenha tido relação, a fim de que nunca mais possa ser traído. O rei encarrega seu vizir de encontrar toda noite uma nova donzela para satisfazê-lo e ao amanhecer sacrificá-la.

Sherazade trama um plano com a irmã e se apresenta para passar a noite com o rei. O plano é de que à noite, após o encontro, ela pede ao rei para contar uma história, chegando a um ponto de tensão, ela interrompe e pede para continuar na próxima noite. Esta estratégia resulta na seqüência de histórias que acabam comovendo o rei e salvando a vida da narradora, assim, a história matriz é a aventura de Sherazade, na sua luta pela vida e na defesa das mulheres do reino.

As personagens são planas, ou seja, não apresentam densidade psicológica. Tal estratégia possibilita centrar a tensão do texto na ação, anulando, no leitor, a capacidade reflexiva e permitindo a presença da violência sem maiores considerações.

As mil e uma noites é um texto que se atua

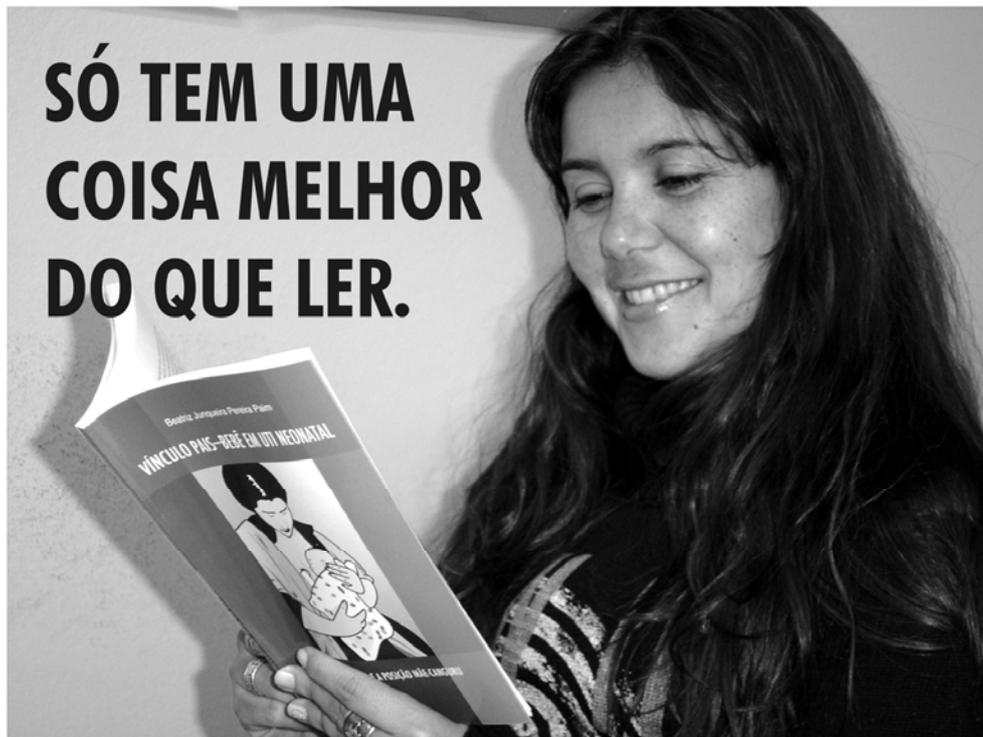
liza a cada momento histórico e sempre pode ressurgir em novos tempos e novos espaços como uma fonte de referência cultural e histórica, não só da cultura árabe, mas também de toda a civilização. Sherazade significa a luta da mulher na construção de sua liberdade, em qualquer tempo e em qualquer lugar.

REFERÊNCIAS

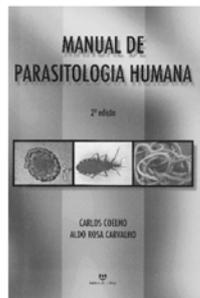
- DADOUN, Roger. *A violência*. Rio de Janeiro: Difel. 1998.
- LACERDA, Nair; DA SILVA, Domingos Carvalho (tradutores). *As mil e uma noites*. São Paulo: Saraiva. 1961
- LADEIRA, Julieta de Godoy (adaptação). *As mil e uma noites*. São Paulo: Scipione. 1996.
- LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo: Unicamp. 1998.



**SÓ TEM UMA
COISA MELHOR
DO QUE LER.**



É FAZER LIVROS, CONSTRUIR IDÉIAS, DESENVOLVER O POTENCIAL CRIATIVO DAS PESSOAS.
PUBLICAR PROPORCIONA PRAZER E UM SENTIMENTO DE RECOMPENSA E GRATIFICAÇÃO AO VER O TRABALHO REALIZADO.
MELHOR DO QUE LER, É FAZER UM LIVRO.



A MELHOR IMPRESSÃO DO CONHECIMENTO.

www.editoradaulbra.com.br

vendaseditora@ulbra.br

3477.9118



Editora da ULBRA